

**Biblioteca  
Virtualbooks**



**O FUNIL DE  
COURO**

**Arthur Conan Doyle**

**Tradução de  
SILVEIRA DE SOUZA**



**Edição especial para distribuição gratuita pela Internet,  
através da Virtualbooks.**

A VirtualBooks gostaria de receber suas críticas e sugestões sobre suas edições. Sua opinião é muito importante para o aprimoramento de nossas edições:  
**Vbooks02@terra.com.br** Estamos à espera do seu e-mail.

**Sobre os Direitos Autorais:**

Fazemos o possível para certificarmos-nos de que os materiais presentes no acervo são de domínio público (70 anos após a morte do autor) ou de autoria do titular. Caso contrário, só publicamos material após a obtenção de autorização dos proprietários dos direitos autorais. Se alguém suspeitar que algum material do acervo não obedeça a uma destas duas condições, pedimos: por favor, avise-nos pelo e-mail: [vbooks03@terra.com.br](mailto:vbooks03@terra.com.br) para que possamos providenciar a regularização ou a retirada imediata do material do site.



**[www.virtualbooks.com.br/](http://www.virtualbooks.com.br/)**

Copyright© 2000/2003 Virtualbooks  
**Virtual Books Online M&M Editores Ltda.**  
**Rua Benedito Valadares, 429 – centro**  
**35660-000 Pará de Minas - MG**  
Todos os direitos reservados. All rights reserved.



# **O FUNIL DE COURO**

## **Arthur Conan Doyle**

**Tradução de  
SILVEIRA DE SOUZA**

Meu amigo, Lionel Dacre, morava na Avenue de Wagram, em Paris. Sua casa era dessas comuns, tendo grades de ferro e um espaçoso gramado na frente, e ficava no lado esquerdo se você viesse pelo Arco do Triunfo. Imagino que ela já existia ali bem antes da construção da avenida, pois as telhas cinzas estavam manchadas de líquens, e as paredes mostravam-se emboloradas e desbotadas pelo tempo. Vista da rua, dava a impressão de ser uma casa pequena, com cinco janelas na fachada, se estou bem lembrado, mas que se estreitava para o fundo até reduzir-se a um único amplo aposento. Era ali que Dacre colocara a singular biblioteca de literatura de ocultismo, e as fantásticas curiosidades que consistiam, ao mesmo tempo, na sua paixão predileta e num divertimento para seus amigos. Homem abastado, de gostos excêntricos e refinados, ele investira boa parte da sua vida e da sua fortuna em reunir o que se dizia ser a única coleção particular de obras cabalísticas, talmúdicadas e de artes mágicas, muitas das quais de grande raridade e valia. Suas preferências inclinavam-se para o maravilhoso e o monstruoso, e tenho ouvido dizer que os experimentos que fazia no campo do desconhecido haviam transposto todos os limites do civilizado e do decente. Ele jamais fez referências sobre esses assuntos a seus amigos ingleses, assumindo sempre a postura do estudioso e do especialista; mas um francês, cujos gostos eram da mesma natureza que os de Dacre, assegurou-me que os piores excessos da missa negra haviam sido perpetrados naquele amplo e alto salão, que se alongava entre as estantes de livros e os mostruários de seu museu.

A aparência de Dacre era suficiente para mostrar que seu acentuado interesse nesses assuntos psíquicos era de ordem intelectual antes que espiritual. Não havia o menor vestígio de ascetismo naquela face robusta, e sim muita energia mental no volumoso crânio em formato de abóbada, que se elevava em curva por entre delgados anéis de cabelo, como um pico nevado acima da orla de abetos. Seu conhecimento era

maior que sua cautela, e suas faculdades eram bem superiores ao seu caráter. Os pequenos olhos claros, afundados no rosto carnudo, cintilavam com inteligência e uma inabalável curiosidade pela vida, mas eram olhos de alguém sensual e egotista. O que foi dito sobre esse homem é o suficiente, pois agora já é morto, pobre coitado, morto exatamente no momento em que estava certo de haver finalmente descoberto o elixir da vida. Não é do seu caráter complexo que irei me ocupar, mas com o incidente muito estranho e inexplicável que ocorreu durante a visita que lhe fiz no início da primavera de 1882.

Conheci Dacre na Inglaterra, porque minhas pesquisas no salão assírio do Museu Britânico foram conduzidas ao mesmo tempo em que ele tentava estabelecer um significado místico e esotérico a tabuinhas de argila com inscrições da Babilônia, e tal coincidência de interesses foi a causa da nossa aproximação. Comentários casuais converteram-se em conversações diárias, e essas foram nos conduzindo a algo próximo da amizade. Prometi a ele que na seguinte viagem que fizesse a Paris, iria visitá-lo. Quando foi possível cumprir a promessa, eu estava morando numa pequena casa em Fontainebleau, e como os trens noturnos eram inconvenientes, ele me convidou a passar a noite em sua casa.

— Tenho somente aquela peça disponível – disse ele, apontando para um largo sofá em sua ampla biblioteca. — Espero que possa ficar confortável ali.

Era um singular quarto de dormir, com as altas paredes cobertas de volumes encadernados de capa marrom, mas não haveria mobília mais agradável para um rato de biblioteca da minha espécie, e minhas narinas não sentiriam melhor perfume que o leve, sutil cheiro característico que se exala de um velho livro. Disse a ele que não podia desejar aposento mais encantador e ambiente mais apropriado.

— Se as armações não são nada convenientes nem convencionais, são pelo menos valiosas – disse ele, olhando as estantes em torno. — Investi cerca de um quarto de milhão em dinheiro nesses objetos que o cercam. Livros, armas, jóias, esculturas, tapeçarias, imagens – dificilmente haverá aqui algo que não tenha a sua história, geralmente digna de ser contada.

Enquanto dizia essas coisas, ele estava sentado a um lado da espaçosa lareira e eu do outro lado. A mesa de leitura ficava a sua direita e o forte candeeiro acima dela lançava um vívido círculo de luz. No centro da mesa, um palimpsesto semi-enrolado tinha ao redor vários e estranhos artigos de antiquários. Um deles era um volumoso funil, como aqueles usados para encher tonéis de vinho. Parecia ser feito de madeira negra, com as bordas revestidas de latão descorado.

— Eis ali uma coisa curiosa – observei. — Qual é a sua história?

— Ah! – disse ele – é exatamente a pergunta que mais de uma vez tive ocasião de fazer a mim mesmo. Gostaria muito de saber a resposta. Vamos, pegue o funil, examine-o.

Foi o que fiz, descobrindo que aquilo que eu imaginara ser madeira era na realidade couro, embora o tempo o tivesse endurecido ao extremo. Era um enorme funil, e deveria conter pouco mais de um litro quando cheio. O latão recobria as bordas do círculo maior, mas a ponta do funil era também revestida de metal.

— O que você acha disso? – perguntou Dacre.

— Poderia imaginar que pertenceu a algum negociante de vinho ou fabricante de malte da Idade Média – respondi. — Já vi na Inglaterra jarros de couro do século dezessete, para servir bebidas – eram chamados de *black jacks*. Tinham a mesma cor e solidez dessa peça.

— Arrisco afirmar que esse funil é mais ou menos da mesma data – disse Dacre – e, sem dúvida, também era usado para encher recipientes com líquidos. Se as minhas suspeitas forem corretas, contudo, um estranho vinhateiro foi quem o usou e o recipiente a ser enchido, bastante singular. Você não observa nada fora do comum na extremidade mais estreita?

Quando o levantei próximo da luz, pude verificar que numa estreita faixa, cinco polegadas acima do bico de metal, o gargalo de couro do funil estava todo esfolado e riscado, como se alguém tivesse feito cortes ao redor com uma lâmina cega. Somente nessa faixa ocorria isso; a parte restante da superfície negra e fosca não apresentava qualquer aspereza.

— Alguém experimentou cortar o gargalo.

— Você chamaria a isso de corte?

— Está lacerado e esfiapado. Foi preciso alguma força para deixar essas marcas em material tão resistente, qualquer que tenha sido o instrumento utilizado. Mas, e você, o que pensa disso? Acho que você sabe mais do que está dizendo.

Dacre sorriu e seus olhinhos experientes piscaram.

— Você incluiu a psicologia dos sonhos entre os seus assuntos de estudo? – indagou.

— Eu nem mesmo soube até agora da existência de tal psicologia.

— Meu caro senhor, aquela prateleira acima da vitrine de jóias está repleta de livros, de Alberto Magno e outros autores. Tratam exclusivamente desse assunto que, em si mesmo, é uma ciência.

— Uma ciência de charlatões.

— O charlatão é sempre o pioneiro. Do astrólogo surgiu o astrônomo, do alquimista o químico, do mesmeriano o psicólogo experimental. O impostor de ontem é o professor de amanhã. Mesmo coisas tão sutis e impalpáveis como os sonhos serão, no devido tempo, submetidas a sistema e ordem. Quando chegar esse tempo, as pesquisas de nossos

amigos daquela prateleira de livros deixarão de ser divertimento dos místicos para se tornarem os fundamentos de uma ciência.

— Supondo que isso seja verdadeiro, que relação pode existir entre a ciência dos sonhos e um funil enorme, negro, com as bordas revestidas de latão?

— Vou contar-lhe. Você sabe que tenho um agente que está sempre atento em relação às raridades e curiosidades de interesse para a minha coleção. Alguns dias atrás ele ouviu falar que um negociante do cais do Sena havia adquirido algumas velhas quinquilharias encontradas num armário de uma casa antiga, aos fundos da rua Mathurin, no *Quartier Latin*. A sala de jantar dessa velha residência era decorada com um escudo de armas, que continha insígnias, e listas vermelhas sobre um fundo prateado, o que, após investigações, foi comprovado ser o escudo de Nicolas de la Reynie, alto funcionário do rei Luís XIV. Não resta nenhuma dúvida de que os demais artigos encontrados no armário datavam-se de antes do início desse reinado. A inferência é que, por conseguinte, todos os artigos eram propriedade desse Nicolas de la Reynie, que foi, pelo que sei, o cavaleiro que se ocupou com a manutenção e execução das draconianas leis da época.

— E daí?

— Eu pediria a você para segurar uma vez mais o funil e examinar a borda superior, revestida de latão.

Havia por certo alguns arranhões sobre ela, quase apagados pelo tempo. O efeito geral era o da existência de diversas letras gravadas; a última delas mostrava certa semelhança com um B.

— Trata-se de um B, não é?

— Acho que sim.

— Penso também desse modo. Na verdade, não tenho dúvida alguma de que se trata de um B.

— No entanto o nome do aristocrata que você mencionou tinha R por inicial.

— Exatamente! Eis a beleza da coisa. Ele possuía este curioso objeto e, entretanto, o objeto tinha as iniciais de outra pessoa gravadas nele. Por que o guardava?

— Não posso imaginar. Você pode?

— Bem, talvez possa ter uma hipótese. Você consegue ver algum desenho um pouco adiante, nessa mesma borda?

— Eu diria que é o desenho de uma coroa.

— É de fato uma coroa; mas se você examiná-la sob uma boa luz, vai ficar convencido de que não é uma coroa qualquer. É uma coroa heráldica – um emblema de distinção, e esse aí se compõe alternadamente de quatro pérolas e quatro folhas de morangueiro, o emblema representativo de um marquês. Podemos inferir, portando, que

a pessoa cujas iniciais terminam com a letra B possuía o título que lhe dava direito ao uso desse diadema.

— Então, esse vulgar funil de couro pertenceu a um marquês?

Dacre sorriu de modo peculiar.

— Ou a algum membro da família de um marquês – disse ele. — Isso é tudo que podemos claramente reunir a propósito dessa borda gravada.

— Mas o que tudo isso tem a ver com sonhos?

Eu não sei se era algo na expressão do rosto de Dacre, ou qualquer sutil sugestão advinda de seus gestos, mas um sentimento de repulsa, de horror irracional tomou conta de mim, enquanto olhava aquele antigo e rugoso volume de couro.

— Mais de uma vez tenho recebido informações importantes por intermédio de meus sonhos – disse meu companheiro, com o didatismo característico em sua maneira de falar. — Agora faço disso uma norma: sempre que duvido das informações obtidas sobre qualquer objeto, lembro de colocá-lo próximo a mim, quando vou dormir, e fico na expectativa de algum esclarecimento a seu respeito. Tal procedimento não me parece absurdo, embora não tenha ainda merecido as bênçãos da ciência ortodoxa. De acordo com minha teoria, um objeto associado intimamente a qualquer paroxismo da emoção humana, seja de alegria ou de sofrimento, conservará uma certa atmosfera ou ligação com esse evento, capaz de ser comunicada a uma mente sensível. Quero significar, por mente sensível, não uma sensibilidade fora do normal, mas uma inteligência treinada e educada como a sua ou a minha.

—Você quer dizer que, por exemplo, se eu dormir junto daquela velha espada, que está ali na parede, posso sonhar com algum episódio sangrento do qual aquela mesma espada fez parte?

— É um excelente exemplo, pois, a bem da verdade, eu próprio usei aquela espada com esse propósito, e vi no meu sonho a morte de seu possuidor. Morreu durante uma movimentada escaramuça, que não fui capaz de identificar, mas que ocorreu na época das guerras frondistas. Se você pensar a respeito desse assunto, algumas de nossas lendas populares mostram que esse fenômeno já era reconhecido por nossos ancestrais, embora nós, com a nossa sabedoria, as tenhamos classificado entre as superstições.

— Por exemplo?

— Bem, o costume de colocar gulodices de noiva debaixo do travesseiro, de modo que, ao dormir, tenha ela sonhos agradáveis. Este é um dos diversos exemplos que você poderá encontrar num folheto que eu mesmo escrevi sobre o tema. Mas, voltando ao que interessa, dormi certa noite com esse funil ao meu lado, e tive um sonho que sem dúvida projetou uma curiosa luz sobre seu uso e sua origem.

— O que sonhou você?

— Eu sonhei... — Ele fez uma pausa e uma compenetrada expressão de interesse surgiu em seu rosto imponente —.Por Júpiter, é uma ótima idéia! — exclamou. — Realmente vai ser uma experiência muitíssimo interessante. Você é um indivíduo dotado de psiquismo, com nervos que respondem prontamente a qualquer impressão.

— Nunca fiz testes comigo mesmo nessa direção.

— Pois vai testar hoje à noite. Seria demasiado pedir-lhe, como um grande favor, para colocar o velho funil ao lado de seu travesseiro, quando você for deitar-se no sofá?

Tal solicitação pareceu-me grotesca; mas devo admitir que, na complexidade da minha natureza, existe um fascínio para tudo que é bizarro e fantástico. Não acreditava nem um pouco na teoria de Dacre, nem esperava qualquer êxito nesse tipo de experiência; entretanto, seduzia-me o fato de que ela pudesse ser realizada. Dacre, com muita seriedade, levou uma banquetta à cabeceira do sofá e colocou o funil sobre ela. Depois disso, após uma breve conversação, desejou-me boa-noite e saiu da sala.

Fiquei algum tempo ali, sentado, fumando, ao calor da lareira, enquanto revolia mentalmente o incidente ocorrido e a estranha experiência que parecia ainda me aguardar adiante. Cético que eu fosse, havia alguma coisa impressiva no comportamento confiante de Dacre, e aquele ambiente extraordinário que me cercava, o espaço enorme com objetos incomuns, sinistros, espalhados ou suspensos em torno dele, tudo isso criava uma aura de solenidade em meu espírito. Por fim, desvesti-me e, apagando o candeeiro, deitei-me no sofá. Após revolver-me por longo tempo, adormeci. Vou tentar descrever do modo mais exato possível o drama que surgiu em meus sonhos. Ele agora está fixado na minha memória mais claramente do que tudo que eu tenha visto com os olhos despertos. Havia um quarto que tinha a aparência de uma abóbada. Quatro arcos de base triangular levantavam-se dos quatro cantos na altura que seria do forro do quarto e reuniam-se num ponto mais acima, criando um teto na forma de taça. A arquitetura era tosca, mas visivelmente sólida. Com certeza, fazia parte de uma grande construção.

Três homens de vestes negras, que usavam esquisitos chapéus de veludo também negro, mais amplos no topo, sentavam-se numa linha tapetada de vermelho de um estrado. Os rostos eram bastante solenes e melancólicos.. À esquerda, de pé, viam-se dois homens, de longas togas, segurando nas mãos porta-fólios que pareciam atulhados de papéis. No lado direito, olhando na minha direção, estava uma mulher de baixa estatura, cabelos louros e olhos azul-claros, expressivos — os olhos de uma menina. Já ultrapassara a primeira juventude, mas não se podia dizer que estivesse na meia-idade. Seu corpo tendia à gordura, mas o porte era altivo e confiante. O rosto, pálido e sereno. Era um rosto

interessante, gracioso e no entanto felino, com uma tênue sugestão de crueldade em torno da pequena boca, reta, firme e do maxilar rechonchudo. Vestia uma espécie de camisola branca e larga. De pé, ao lado dela, um sacerdote magro, de expressão ansiosa, murmurava-lhe algo ao ouvido e continuamente elevava um crucifixo diante de seus olhos. Ela voltava a cabeça e olhava fixamente, para além do crucifixo, os três homens de preto que eram, eu senti, os seus juízes.

Enquanto eu olhava, os três homens se levantaram e alguma coisa foi dita, mas não consegui entender uma única palavra, embora percebesse que, dos três, era o homem do centro quem estava falando. Depois abandonaram a sala, seguidos pelos dois homens com portafólios. No mesmo instante vários indivíduos de aparência rude, vestindo sólidas jaquetas, entraram impetuosos e foram removendo, primeiro o assento tapetado de vermelho, depois as armações do estrado, de modo a deixarem aquele espaço inteiramente vazio. Quando a armação de fundo do estrado foi removida, vi alguns objetos assustadores, peças de mobília, que estavam por detrás dela. Uma dessas peças parecia uma cama com cilindros de madeira nas duas extremidades e um sarilho manual para regular o seu comprimento. Outro objeto era um potro de madeira. E assim havia diversas outras coisas igualmente estranhas e também um conjunto de cordas suspensas que passavam por roldanas. Tudo aquilo não era diferente de uma moderna sala de ginástica.

Assim que o estrado foi retirado, apareceu em cena um novo personagem. Era um homem alto, magro, de roupa negra, tendo um rosto descarnado e austero. O aspecto desse homem me fez estremecer. Suas roupas brilhavam de tão engraxadas e estavam salpicadas de manchas. Movia-se com lenta e impressionante dignidade, como quem assumisse o comando de tudo desde o instante de sua entrada. A despeito da aparência rude e das vestes sujas, aquela sala era agora sua responsabilidade, estava sob seu controle. Viam-se cordas finas enroladas e dependuradas em seu antebraço esquerdo. A mulher examinou-o de alto a baixo com os olhos, mantendo a expressão impassível. Sua expressão era confiante, até mesmo de desafio. Mas foi muito diferente com o sacerdote. O rosto deste tornou-se horrivelmente lívido e eu vi a umidade do suor brilhar e deslizar pela sua fronte ampla e levemente inclinada. Ele ergueu as mãos em gesto de prece e curvava-se continuamente para murmurar palavras frenéticas no ouvido da mulher.

O homem de vestes negras agora avançava e, tomando uma das cordas em seu braço esquerdo, amarrou os pulsos da mulher, que ficou com as mãos unidas. Ela estendia os braços sem resistência na direção dele, enquanto era amarrada. Então ele segurou-a rudemente pelos ombros, empurrando-a na direção do potro de madeira, cujo assento ficava um pouco acima da cintura dela. Por isso ergueram-na e colocaram-na sobre o assento, deitada de costas, com o rosto voltado

para o teto, enquanto o sacerdote, horrorizado e trêmulo, fugia da sala. A mulher movia rapidamente os lábios, e, ainda que eu não pudesse ouvir nada, *sabia* que ela estava rezando. Seus pés pendiam suspensos nos dois lados do potro e vi que alguns lacaios grosseiros, sob ordem, haviam-lhe amarrado os tornozelos e prendido a outra extremidade das cordas em anéis de ferro fixados sobre o chão de pedra.

Senti que meu coração afundava, enquanto eu via aqueles sinistros preparativos e ao mesmo tempo me achava preso ao fascínio do horror e não conseguia afastar os olhos daquele terrível espetáculo. Um homem entrara na sala carregando um balde de água em cada mão. Outro homem o seguia, trazendo um terceiro balde. Foram deixados ao lado do cavalo de madeira. O segundo homem segurava na outra mão uma grande concha de madeira – espécie de tigela com uma asa reta. Entregou-a ao homem de vestes negras. Nesse momento um dos lacaios se aproximou da mulher com um objeto escuro nas mãos, o qual, mesmo em sonho, apoderou-se de mim, originando um vago sentimento de familiaridade. Era um funil de couro. Com um impulso enérgico e horrível, o laçao enfiou-o na... – mas não pude mais suportar. Meus cabelos se arrepiaram de pavor. Eu me estorci e debati, conseguindo romper os limites do sonho, soltando o grito mais forte de toda minha vida e fui encontrar-me, trêmulo de horror, no sofá de uma ampla biblioteca, com raios de luar fluindo da janela e atirando arabescos sombreados e prateados na parede oposta. Ah, que alívio abençoado sentir que estava de volta ao século dezenove, e não sob uma abóbada medieval, que estava num mundo onde os homens tinham corações humanos em seus peitos. Sentei-me no sofá, tendo os membros ainda trêmulos, a mente dividida entre a gratidão e o horror. Pensar que coisas tais foram um dia realizadas, que puderam ser realizadas sem que Deus houvesse fulminado os vilões responsáveis. Foi tudo uma fantasia, ou foi algo que realmente aconteceu nos dias negros, cruéis, da história do mundo? Mergulhei a cabeça palpitante entre as mãos ainda trêmulas. E, então, repentinamente, tive a impressão que cessavam as batidas de meu coração, e eu nem mesmo consegui gritar, tão grande foi o meu medo. Alguma coisa se movimentava na minha direção, na escuridão do quarto.

É uma seqüência de horrores que abate o espírito humano. Eu não conseguia raciocinar, nem podia rezar; podia somente ficar sentado como uma imagem congelada, e olhar o sombrio espectro que atravessava a ampla sala. Mas então ele se moveu sobre uma faixa iluminada pelo luar e eu pude respirar aliviado uma vez mais. Era Dacre, e seu rosto indicava que ele parecia tão assustado quanto eu.

— Foi você? Pelo amor de Deus, o que houve? – perguntou ele com uma voz áspera.

— Como me alegro em vê-lo, Dacre! Estive no inferno. Foi uma coisa medonha.

— Então foi você quem gritou?

— Ouso dizer que sim.

— Seu grito ressoou por toda a casa. Os criados estão apavorados.

Dacre acendeu um fósforo e levou-o ao candeeiro..

— Vamos atizar o fogo da lareira e aquecer de novo o ambiente – acrescentou, atirando algumas achas de lenha sobre as brasas. — Por Deus, meu caro, como você está pálido! Dá a impressão de ter visto um fantasma!

— Você tem razão. Foram vários fantasmas.

— Quer dizer que o funil de couro funcionou, afinal?

— Eu não dormiria de novo ao lado dessa coisa infernal nem por todo o dinheiro que você pudesse oferecer-me.

Dacre soltou uma risadinha reprimida.

— Eu esperava que você tivesse uma noite agitada – disse ele. — Mas você me deu o troco, pois aquele grito não foi nada agradável, às duas horas da madrugada. Suponho pelo que você está dizendo que você viu todo o terrível negócio.

— Que terrível negócio?

— A tortura pela água, o “interrogatório extraordinário”, como era chamado nos alegres dias de *Le Roi Soleil*. Você agüentou até o fim?

— Não, graças a Deus. Acordei antes que começasse de fato.

— Ah, você é um felizardo! Eu suportei até o terceiro balde. Bem, é uma velha estória, e todos os que dela participaram estão agora em suas tumbas, assim, de qualquer modo, que importância tem sabermos como chegaram até ali? Suponho que você tenha alguma idéia a propósito daquilo que viu?

— A tortura de alguma malfeitora. A mulher deve ter sido uma terrível malfeitora, na verdade, se os seus crimes foram cometidos na proporção de sua penalidade.

— Bem, temos esse pequeno consolo – disse Dacre, arrepanhando o roupão e acorçando-se mais próximo da lareira. — Eles foram cometidos na proporção da penalidade. Quer dizer, se estou correto sobre a identidade da mulher.

— Como pôde saber a provável identidade dela?

Por resposta, Dacre apanhou da prateleira próxima um antigo volume com capa de velino.

— Apenas escute – disse ele. — Está escrito num francês do século dezessete, mas farei uma tradução aproximada. Você julgará por si mesmo se matei ou não a charada:

*“A prisioneira foi conduzida à presença das Grand Chambers e Tournelles do Parlamento, em sessões de corte de justiça, acusada do assassinato do mestre Dreux d’Aubray, o pai dela, e de seus dois irmãos,*

*os senhores d'Aubray, um deles tenente civil, e conselheiro do Parlamento o outro. Em pessoa, parecia difícil de acreditar que ela realmente tivesse cometido ações de tal perversidade, pois seu aspecto era meigo, e de baixa estatura, com uma pele bonita e olhos azuis. Entretanto, a Corte, tendo averiguado a sua culpa, condenou-a aos interrogatórios usual e extraordinário, de modo a obrigá-la a confessar os nomes de seus cúmplices, depois do que seria conduzida numa carreta até a Place de Grève, onde seria decapitada, sendo seu corpo posteriormente queimado e as cinzas jogadas aos ventos.*

*A data deste registro é de 16 julho de 1676."*

— É interessante – eu disse – mas não muito convincente Como você prova serem a mesma essas duas mulheres?

— Já vou fazê-lo. A narrativa prossegue, descrevendo a conduta da mulher ao ser interrogada: *"Quando o carrasco se aproximou, ela o reconheceu pelas cordas que ele trazia nas mãos, e ela em seguida estendeu as próprias mãos para ele, olhando-o de alto a baixo sem pronunciar uma palavra".* Que tal isso?

— Confere, de fato.

— *"Ela olhou sem estremecer o potro de madeira e os anéis de ferro que tinham retorcido tantos membros humanos e causado tantos gritos de angústia. Quando seus olhos caíram sobre os três baldes com água, que estavam já preparados para ela, disse com um sorriso, 'toda essa água deve ter sido trazida aqui com o propósito de afogar-me, monsieur. O senhor decerto não tem, confio eu, a menor idéia de forçar uma pessoa da minha estatura a beber tudo isso'".* Deverei ler os detalhes da tortura?

— Não, pelo amor de Deus, não!

— Eis um parágrafo da sentença que vai lhe mostrar que o que está aqui registrado é uma cena que, por certo, você presenciou esta noite: *"O bom abade Pirot, incapaz de contemplar os tormentos a que ia ser submetida a sua penitente, saiu correndo da sala"* Isso convence você?

— Completamente. Não tenho mais dúvida de que se trata do mesmo evento. Mas, quem era essa mulher de aparência tão atraente e cujo fim foi tão horrível?

Sem responder, Dacre cruzou-me à frente e trouxe, aceso, um pequeno lampião, colocando-o depois sobre a banquetta que estava ao lado do sofá. Erguendo o funil agourento, iluminou em cheio a orla de latão. Vistas assim, bem iluminadas, as gravações na orla pareciam mais nítidas que na noite anterior.

— Já concordamos que se trata do emblema de um marquês ou marquesa – disse ele. Também acertamos que a última letra é B.

— Sem dúvida.

— Vou sugerir agora a você que as outras letras, da direita para a esquerda, são M, M; um d minúsculo, A, um d minúsculo e, então, finalmente, o B.

— Sim, Você tem razão. Posso ver claramente os dois d minúsculos.

— O que eu li a você esta noite – disse Dacre – é a cópia do registro oficial do processo de Marie Madeleine d’Aubray, marquesa de Brinvilliers, uma das mais célebres envenenadoras e assassinas de todos os tempos.

Fiquei sentado em silêncio, acabrunhado ante a natureza extraordinária do acontecimento. e ante a inteireza das provas em relação às quais Dacre expusera o real significado. De um modo vago, recordei alguns detalhes da carreira da mulher, sua libertinagem desenfreada, o sangue-frio e a prolongada tortura a seu pai doente, o assassinato dos irmãos motivado por lucros mesquinhos. Lembrei também que a bravura de seu fim havia reparado de algum modo o horror de sua vida, e que Paris em peso havia simpatizado com seus momentos finais, havendo-a abençoado como mártir poucos dias depois de havê-la amaldiçoado como assassina. Uma objeção, e apenas uma, passou-me pela mente.

— Como as iniciais de seu nome e o emblema de sua categoria vieram a ser gravados no funil? Por certo a admiração medieval à nobreza não chegava ao ponto de ornamentar os instrumentos de tortura com os títulos de suas vítimas, não é verdade?

— Essa questão também me intrigou – disse Dacre –, mas ela admite uma explicação simples. O processo provocou extraordinário interesse na época, e nada poderia ser mais natural que La Reynie, o Chefe de Polícia, tivesse retido esse funil como sinistro *souvenir*. Não era acontecimento freqüente que uma marquesa de França fosse submetida ao interrogatório extraordinário. Que ele tivesse mandado gravar as iniciais dela sobre o funil, a título de informação para as demais pessoas, era seguramente um procedimento comum em casos assim.

— E isto? - perguntei, apontando para as marcas sobre o gargalo de couro do funil.

— Ela era uma tigresa cruel – disse Dacre, enquanto se afastava dali. — Penso ser evidente que, a exemplo das outras tigresas, essa também tivesse dentes fortes e afiados.



**Texto original em inglês:**

# **The Leather Funnel**

## **Arthur Conan Doyle**

My friend, Lionel Dacre, lived in the Avenue de Wagram, Paris. His house was that small one, with the iron railings and grass plot in front of it, on the left-hand side as you pass down from the Arc de Triomphe. I fancy that it had been there long before the avenue was constructed, for the grey tiles were stained with lichens, and the walls were mildewed and discoloured with age. It looked a small house from the street, five windows in front, if I remember right, but it deepened into a single long chamber at the back. It was here that Dacre had that singular library of occult literature, and the fantastic curiosities which served as a hobby for himself, and an amusement for his friends. A wealthy man of refined and eccentric tastes, he had spent much of his life and fortune in gathering together what was said to be a unique private collection of Talmudic, cabalistic, and magical works, many of them of great rarity and value. His tastes leaned toward the marvellous and the monstrous, and I have heard that his experiments in the direction of the unknown have passed all the bounds of civilization and of decorum. To his English friends he never alluded to such matters, and took the tone of the student and virtuoso; but a Frenchman whose tastes were of the same nature has assured me that the worst excesses of the black mass have been perpetrated in that large and lofty hall, which is lined with the shelves of his books,

and the cases of his museum.

Dacre's appearance was enough to show that his deep interest in these psychic matters was intellectual rather than spiritual. There was no trace of asceticism upon his heavy face, but there was much mental force in his huge, dome-like skull, which curved upward from amongst his thinning locks, like a snowpeak above its fringe of fir trees. His knowledge was greater than his wisdom, and his powers were far superior to his character. The small bright eyes, buried deeply in his fleshy face, twinkled with intelligence and an unabated curiosity of life, but they were the eyes of a sensualist and an egotist. Enough of the man, for he is dead now, poor devil, dead at the very time that he had made sure that he had at last discovered the elixir of life. It is not with his complex character that I have to deal, but with the very strange and inexplicable incident which had its rise in my visit to him in the early spring of the year '82.

I had known Dacre in England, for my researches in the Assyrian Room of the British Museum had been conducted at the time when he was endeavouring to establish a mystic and esoteric meaning in the Babylonian tablets, and this community of interests had brought us together. Chance remarks had led to daily conversation, and that to something verging upon friendship. I had promised him that on my next visit to Paris I would call upon him. At the time when I was able to fulfil my compact I was living in a cottage at Fontainebleau, and as the evening trains were inconvenient, he asked me to spend the night in his house.

"I have only that one spare couch," said he, pointing to a broad sofa in his large salon; "I hope that you will manage to be comfortable there."

It was a singular bedroom, with its high walls of brown volumes, but there could be no more agreeable furniture to a bookworm like myself, and there is no scent so pleasant to my nostrils as that faint, subtle reek which comes from an ancient book. I assured him that I could desire no more charming chamber, and no more congenial surroundings.

"If the fittings are neither convenient nor conventional, they are at least costly," said he, looking round at his shelves. "I have expended nearly a quarter of a million of money upon these objects which surround you. Books, weapons, gems, carvings,

tapestries, images--there is hardly a thing here which has not its history, and it is generally one worth telling."

He was seated as he spoke at one side of the open fire-place, and I at the other. His reading-table was on his right, and the strong lamp above it ringed it with a very vivid circle of golden light. A half-rolled palimpsest lay in the centre, and around it were many quaint articles of bric-a-brac. One of these was a large funnel, such as is used for filling wine casks. It appeared to be made of black wood, and to be rimmed with discoloured brass.

"That is a curious thing," I remarked. "What is the history of that?"

"Ah!" said he, "it is the very question which I have had occasion to ask myself. I would give a good deal to know. Take it in your hands and examine it."

I did so, and found that what I had imagined to be wood was in reality leather, though age had dried it into an extreme hardness. It was a large funnel, and might hold a quart when full. The brass rim encircled the wide end, but the narrow was also tipped with metal.

"What do you make of it?" asked Dacre.

"I should imagine that it belonged to some vintner or maltster in the Middle Ages," said I. "I have seen in England leathern drinking flagons of the seventeenth century--'black jacks' as they were called--which were of the same colour and hardness as this filler."

"I dare say the date would be about the same," said Dacre, "and, no doubt, also, it was used for filling a vessel with liquid. If my suspicions are correct, however, it was a queer vintner who used it, and a very singular cask which was filled. Do you observe nothing strange at the spout end of the funnel."

As I held it to the light I observed that at a spot some five inches above the brass tip the narrow neck of the leather funnel was all haggled and scored, as if someone had notched it round with a blunt knife. Only at that point was there any roughening of the dead black surface.

"Someone has tried to cut off the neck."

"Would you call it a cut?"

"It is torn and lacerated. It must have taken some strength to leave these marks on such tough material, whatever the instrument may have been. But what do you think of it? I can tell that you know more than you say."

Dacre smiled, and his little eyes twinkled with knowledge.

"Have you included the psychology of dreams among your learned studies?" he asked.

"I did not even know that there was such a psychology."

"My dear sir, that shelf above the gem case is filled with volumes, from Albertus Magnus onward, which deal with no other subject. It is a science in itself."

"A science of charlatans "

"The charlatan is always the pioneer. From the astrologer came the astronomer, from the alchemist the chemist, from the mesmerist the experimental psychologist. The quack of yesterday is the professor of tomorrow. Even such subtle and elusive things as dreams will in time be reduced to system and order. When that time comes the researches of our friends on the bookshelf yonder will no longer be the amusement of the mystic, but the foundations of a science."

"Supposing that is so, what has the science of dreams to do with a large, black, brass-rimmed funnel?"

"I will tell you. You know that I have an agent who is always on the look-out for rarities and curiosities for my collection. Some days ago he heard of a dealer upon one of the Quais who had acquired some old rubbish found in a cupboard in an ancient house at the back of the Rue Mathurin, in the Quartier Latin. The dining-room of this old house is decorated with a coat of arms, chevrons, and bars rouge upon a field argent, which prove, upon inquiry, to be the shield of Nicholas de la Reynie, a high official of King Louis XIV. There can be no doubt that the other articles in the cupboard date back to the early days of that king. The

inference is, therefore, that they were all the property of this Nicholas de la Reynie, who was, as I understand, the gentleman specially concerned with the maintenance and execution of the Draconic laws of that epoch."

"What then?"

"I would ask you now to take the funnel into your hands once more and to examine the upper brass rim. Can you make out any lettering upon it?"

There were certainly some scratches upon it, almost obliterated by time. The general effect was of several letters, the last of which bore some resemblance to a B.

"You make it a B?"

"Yes, I do."

"So do I. In fact, I have no doubt whatever that it is a B."

"But the nobleman you mentioned would have had R for his initial."

"Exactly! That's the beauty of it. He owned this curious object, and yet he had someone else's initials upon it. Why did he do this?"

"I can't imagine; can you?"

"Well, I might, perhaps, guess. Do you observe something drawn a little farther along the rim?"

"I should say it was a crown."

"It is undoubtedly a crown; but if you examine it in a good light, you will convince yourself that it is not an ordinary crown. It is a heraldic crown--a badge of rank, and it consists of an alternation of four pearls and strawberry leaves, the proper badge of a marquis. We may infer, therefore, that the person whose initials end in B was entitled to wear that coronet."

"Then this common leather filler belonged to a marquis?"

Dacre gave a peculiar smile.

"Or to some member of the family of a marquis," said he. "So much we have clearly gathered from this engraved rim."

"But what has all this to do with dreams?" I do not know whether it was from a look upon Dacre's face, or from some subtle suggestion in his manner, but a feeling of repulsion, of unreasoning horror, came upon me as I looked at the gnarled old lump of leather.

"I have more than once received important information through my dreams," said my companion in the didactic manner which hloved to affect. "I make it a rule now when I am in doubt upon any material point to place the article in question beside me as I sleep, and to hope for some enlightenment. The process does not appear to me to be very obscure, though it has not yet received the blessing of orthodox science. According to my theory, any object which has been intimately associated with any supreme paroxysm of human emotion, whether it be joy or pain, will retain a certain atmosphere or association which it is capable of communicating to a sensitive mind. By a sensitive mind I do not mean an abnormal one, but such a trained and educated mind as you or I possess."

"You mean, for example, that if I slept beside that old sword upon the wall, I might dream of some bloody incident in which that very sword took part?"

"An excellent example, for, as a matter of fact, that sword was used in that fashion by me, and I saw in my sleep the death of its owner, who perished in a brisk skirmish, which I have been unable to identify, but which occurred at the time of the wars of the Frondists. If you think of it, some of our popular observances show that the fact has already been recognized by our ancestors, although we, in our wisdom, have classed it among superstitions."

"For example?"

"Well, the placing of the bride's cake beneath the pillow in order that the sleeper may have pleasant dreams. That is one of several instances which you will find set forth in a small brochure which I am myself writing upon the subject. But to come back to the point, I slept one night with this funnel beside me, and I had a dream which certainly throws a curious light upon

its use and origin."

"What did you dream?"

"I dreamed----" He paused, and an intent look of interest came over his massive face. "By Jove, that's well thought of," said he. "This really will be an exceedingly interesting experiment. You are yourself a psychic subject--with nerves which respond readily to any impression."

"I have never tested myself in that direction."

"Then we shall test you tonight. Might I ask you as a very great favour, when you occupy that couch tonight, to sleep with this old funnel placed by the side of your pillow?"

The request seemed to me a grotesque one; but I have myself, in my complex nature, a hunger after all which is bizarre and fantastic. I had not the faintest belief in Dacre's theory, nor any hopes for success in such an experiment; yet it amused me that the experiment should be made. Dacre, with great gravity, drew a small stand to the head of my settee, and placed the funnel upon it. Then, after a short conversation, he wished me good night and left me.

I sat for some little time smoking by the smouldering fire, and turning over in my mind the curious incident which had occurred, and the strange experience which might lie before me. Sceptical as I was, there was something impressive in the assurance of Dacre's manner, and my extraordinary surroundings, the hugroom with the strange and often sinister objects which were hung round it, struck solemnity into my soul. Finally I undressed, and turning out the lamp, I lay down. After long tossing I fell asleep. Let me try to describe as accurately as I can the scene which came to me in my dreams. It stands out now in my memory more clearly than anything which I have seen with my waking eyes. There was a room which bore the appearance of a vault. Four spandrels from the corners ran up to join a sharp, cup-shaped roof. The architecture was rough, but very strong. It was evidently part of a great building.

Three men in black, with curious, top-heavy, black velvet hats, sat in a line upon a red-carpeted dais. Their faces were

very solemn and sad. On the left stood two long-gowned men with port-folios in their hands, which seemed to be stuffed with papers. Upon the right, looking toward me, was a small woman with blonde hair and singular, light-blue eyes--the eyes of a child. She was past her first youth, but could not yet be called middle-aged. Her figure was inclined to stoutness and her bearing was proud and confident. Her face was pale, but serene. It was a curious face, comely and yet feline, with a subtle suggestion of cruelty about the straight, strong little mouth and chubby jaw. She was draped in some sort of loose, white gown. Beside her stood a thin, eager priest, who whispered in her ear, and continually raised a crucifix before her eyes. She turned her head and looked fixedly past the crucifix at the three men in black, who were, I felt, her judges.

As I gazed the three men stood up and said something, but I could distinguish no words, though I was aware that it was the central one who was speaking. They then swept out of the room, followed by the two men with the papers. At the same instant several rough-looking fellows in stout jerkins came bustling in and removed first the red carpet, and then the boards which formed the dais, so as to entirely clear the room. When this screen was removed I saw some singular articles of furniture behind it. One looked like a bed with wooden rollers at each end, and a winch handle to regulate its length. Another was a wooden horse. There were several other curious objects, and a number of swinging cords which played over pulleys. It was not unlike a modern gymnasium.

When the room had been cleared there appeared a new figure upon the scene. This was a tall, thin person clad in black, with a gaunt and austere face. The aspect of the man made me shudder. His clothes were all shining with grease and mottled with stains. He bore himself with a slow and impressive dignity, as if he took command of all things from the instant of his entrance. In spite of his rude appearance and sordid dress, it was now his business, his room, his to command. He carried a coil of light ropes over his left forearm. The lady looked him up and down with a searching glance, but her expression was unchanged. It was confident--even defiant. But it was very different with the priest. His face was ghastly white, and I saw the moisture glisten and run on his high, sloping forehead. He threw up his hands in prayer and he stooped continually to mutter frantic words in the lady's ear.

The man in black now advanced, and taking one of the cords from

his left arm, he bound the woman's hands together. She held them meekly toward him as he did so. Then he took her arm with a rough grip and led her toward the wooden horse, which was little higher than her waist. On to this she was lifted and laid, with her back upon it, and her face to the ceiling, while the priest, quivering with horror, had rushed out of the room. The woman's lips were moving rapidly, and though I could hear nothing I knew that she was praying. Her feet hung down on either side of the horse, and I saw that the rough varlets in attendance had fastened cords to her ankles and secured the other ends to iron rings in the stone floor.

My heart sank within me as I saw these ominous preparations, and yet I was held by the fascination of horror, and I could not take my eyes from the strange spectacle. A man had entered the room with a bucket of water in either hand. Another followed with a third bucket. They were laid beside the wooden horse. The second man had a wooden dipper--a bowl with a straight handle--in his other hand. This he gave to the man in black. At the same moment one of the varlets approached with a dark object in his hand, which even in my dream filled me with a vague feeling of familiarity. It was a leathern filler. With horrible energy he thrust it--but I could stand no more. My hair stood on end with horror. I writhed, I struggled, I broke through the bonds of sleep, and I burst with a shriek into my own life, and found myself lying shivering with terror in the huge library, with the moonlight flooding through the window and throwing strange silver and black traceries upon the opposite wall. Oh, what a blessed relief to feel that I was back in the nineteenth century--back out of that mediaeval vault into a world where men had human hearts within their bosoms. I sat up on my couch, trembling in every limb, my mind divided between thankfulness and horror. To think that such things were ever done--that they could be done without God striking the villains dead. Was it all a fantasy, or did it really stand for something which had happened in the black, cruel days of the world's history? I sank my throbbing head upon my shaking hands. And then, suddenly, my heart seemed to stand still in my bosom, and I could not even scream, so great was my terror. Something was advancing toward me through the darkness of the room.

It is a horror coming upon a horror which breaks a man's spirit. I could not reason, I could not pray; I could only sit like a frozen image, and glare at the dark figure which was coming down the great room. And then it moved out into the white lane of moonlight, and I breathed once more. It was Dacre, and his face

showed that he was as frightened as myself.

"Was that you? For God's sake what's the matter?" he asked in a husky voice.

"Oh, Dacre, I am glad to see you! I have been down into hell. It was dreadful."

"Then it was you who screamed?"

"I dare say it was."

"It rang through the house. The servants are all terrified." He struck a match and lit the lamp. "I think we may get the fire to burn up again," he added, throwing some logs upon the embers. "Good God, my dear chap, how white you are! You look as if you had seen a ghost."

"So I have--several ghosts."

"The leather funnel has acted, then?"

"I wouldn't sleep near the infernal thing again for all the money you could offer me."

Dacre chuckled.

"I expected that you would have a lively night of it," said he. "You took it out of me in return, for that scream of yours wasn't a very pleasant sound at two in the morning. I suppose from what you say that you have seen the whole dreadful business."

"What dreadful business?"

"The torture of the water--the 'Extraordinary Question,' as it was called in the genial days of 'Le Roi Soleil.' Did you stand it out to the end?"

"No, thank God, I awoke before it really began."

"Ah! it is just as well for you. I held out till the third bucket. Well, it is an old story, and they are all in their graves now, anyhow, so what does it matter how they got there? I suppose that you have no idea what it was that you have seen?"

"The torture of some criminal. She must have been a terrible malefactor indeed if her crimes are in proportion to her penalty."

"Well, we have that small consolation," said Dacre, wrapping his dressing-gown round him and crouching closer to the fire. "They WERE in proportion to her penalty. That is to say, if I am correct in the lady's identity."

"How could you possibly know her identity?"

For answer Dacre took down an old vellum-covered volume from the shelf.

"Just listen to this," said he; "it is in the French of the seventeenth century, but I will give a rough translation as I go. You will judge for yourself whether I have solved the riddle or not.

"` The prisoner was brought before the Grand Chambers and Tournelles of Parliament, sitting as a court of justice, charged with the murder of Master Dreux d'Aubray, her father, and of her two brothers, MM. d'Aubray, one being civil lieutenant, and the other a counsellor of Parliament. In person it seemed hard to believe that she had really done such wicked deeds, for she was of a mild appearance, and of short stature, with a fair skin and blue eyes. Yet the Court, having found her guilty, condemned her to the ordinary and to the extraordinary question in order that she might be forced to name her accomplices, after which she should be carried in a cart to the Place de Greve, there to have her head cut off, her body being afterwards burned and her ashes scattered to the winds.'

"The date of this entry is July 16, 1676."

"It is interesting," said I, "but not convincing. How do you prove the two women to be the same?"

"I am coming to that. The narrative goes on to tell of the woman's behaviour when questioned. `When the executioner approached her she recognized him by the cords which he held in his hands, and she at once held out her own hands to him, looking at him from head to foot without uttering a word.' How's that?"

"Yes, it was so."

"` She gazed without wincing upon the wooden horse and rings which had twisted so many limbs and caused so many shrieks of agony. When her eyes fell upon the three pails of water, which were all ready for her, she said with a smile, "All that water must have been brought here for the purpose of drowning me, Monsieur. You have no idea, I trust, of making a person of my small stature swallow it all." Shall I read the details of the torture?"

"No, for Heaven's sake, don't."

"Here is a sentence which must surely show you that what is here recorded is the very scene which you have gazed upon tonight: `The good Abbe Pirot, unable to contemplate the agonies which were suffered by his penitent, had hurried from the room.' Does that convince you?"

"It does entirely. There can be no question that it is indeed the same event. But who, then, is this lady whose appearance was so attractive and whose end was so horrible?"

For answer Dacre came across to me, and placed the small lamp upon the table which stood by my bed. Lifting up the ill-omened filler, he turned the brass rim so that the light fell full upon it. Seen in this way the engraving seemed clearer than on the night before.

"We have already agreed that this is the badge of a marquis or of a marquise," said he. "We have also settled that the last letter is B."

"It is undoubtedly so."

"I now suggest to you that the other letters from left to right are, M, M, a small d, A, a small d, and then the final B."

"Yes, I am sure that you are right. I can make out the two small d's quite plainly."

"What I have read to you tonight," said Dacre, "is the official record of the trial of Marie Madeleine d'Aubray, Marquise de Brinvilliers, one of the most famous poisoners and murderers of all

time."

I sat in silence, overwhelmed at the extraordinary nature of the incident, and at the completeness of the proof with which Dacre had exposed its real meaning. In a vague way I remembered some details of the woman's career, her unbridled debauchery, the cold-blooded and protracted torture of her sick father, the murder of her brothers for motives of petty gain. I recollected also that the bravery of her end had done something to atone for the horror of her life, and that all Paris had sympathized with her last moments, and blessed her as a martyr within a few days of the time when they had cursed her as a murderess. One objection, and one only, occurred to my mind.

"How came her initials and her badge of rank upon the filler? Surely they did not carry their mediaeval homage to the nobility to the point of decorating instruments of torture with their titles?"

"I was puzzled with the same point," said Dacre, "but it admits of a simple explanation. The case excited extraordinary interest at the time, and nothing could be more natural than that La Reynie, the head of the police, should retain this filler as a grim souvenir. It was not often that a marchioness of France underwent the extraordinary question. That he should engrave her initials upon it for the information of others was surely a very ordinary proceeding upon his part."

"And this?" I asked, pointing to the marks upon the leathern neck.

"She was a cruel tigress," said Dacre, as he turned away. "I think it is evident that like other tigresses her teeth were both strong and sharp."



## Sobre o autor



### Arthur Conan Doyle

Edimburgo, 1859 - Crowborough, 1930

Romancista inglês. Sob inspiração de Poe criou, em 1887, o personagem Sherlock Holmes, com o qual ganhou notoriedade. Médico apaixonado pelo espiritismo publicou também peças e romances históricos. Escritor inglês.

Estuda Medicina na sua cidade natal, mas as suas principais atividades são as literárias. Cria um novo gênero de narrativas policiais que são denominadas científicas. Os seus protagonistas são Sherlock Holmes e o doutor Watson: *Um*

*Estudo em Escarlata, O Cão dos Baskerville, As Aventuras de Sherlock Holmes, etc.*

Nestas narrativas, Conan Doyle reconstrói com lógica impecável e grande perspicácia psicológica os casos mais complexos. O personagem de Holmes consegue uma popularidade extraordinária. Escreve também diversos romances históricos e uma história da guerra dos Bóers, na qual participa como médico. Nos seus últimos anos entrega-se plenamente ao estudo do espiritualismo esotérico.



## Sobre o tradutor



João Paulo **SILVEIRA DE SOUZA** nasceu em Florianópolis, SC, em 1933. Começou cedo suas atividades culturais em SC. Na década de 50 passou a integrar o Círculo de Arte Moderna, mais conhecido como Grupo Sul, movimento que trouxe o Modernismo para Santa Catarina. Também nessa década participou de atividades teatrais, integrando como diretor do grupo teatral TESC (Teatro Experimental de SC); e dirigiu o mensário de literatura e arte *Roteiro*.

De 60 a 70, foi professor de matemática no Instituto Estadual de Educação e Escola Técnica Federal de SC, em Florianópolis. Dirigiu de 71 a 76, a Divisão de Informação e Divulgação do Departamento de Extensão Cultural da UFSC. Em 79, passou a trabalhar no setor de editoração da Fundação Catarinense de Cultura, onde coordenou as Edições FCC e dirigiu as publicações: *Boi-de-Mamão* (79 a 81); *Cadernos da Cultura Catarinense* (84-85) e *Escritores Catarinenses*, série de fascículos (90-91). Atualmente aposentado do serviço público, dedica-se a trabalhos de editoração eletrônica e projetos gráficos de livros. É membro da Academia Catarinense de Letras.

### **LIVROS PUBLICADOS**

- O VIGIA E A CIDADE (contos), Florianópolis, SC, 1960;
- UMA VOZ NA PRAÇA (contos), Florianópolis, 1962;
- QUATRO ALAMEDAS, Porto Alegre, RS, 1976;
- OS PEQUENOS DESENCONTROS (crônicas), Florianópolis, 1977;
- O CAVALO EM CHAMAS (contos), São Paulo, SP, 1981;
- CANÁRIO DE ASSOPIO (crônicas), Florianópolis, 1985;
- HYBRIS (poesia e prosa), Florianópolis, 1989;
- UM ÔNIBUS E QUATRO DESTINOS (romance, em parceria com Francisco José Pereira e Holdemar Menezes), Porto Alegre, 1994;
- RUMOR DE FOLHAS (poemas), Florianópolis, 1966;
- RELATOS ESCOLHIDOS (contos), Florianópolis, 1998;
- TROLOLO PARA FLAUTA E CAVAQUINHO (crônicas), em parceria com Flávio José Cardozo, Florianópolis, 1999.

